

DESENHO UNIVERSAL E A COMUNICAÇÃO INCLUSIVA EM MUSEUS

DESIRÉE NOBRE SALASAR¹; FRANCISCA FERREIRA MICHELON²; CÉLIA MARIA ADÃO DE OLIVEIRA AGUIAR DE SOUSA³

¹Universidade Federal de Pelotas / CRID-IPL / Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias— dnobre.ufpel@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas— fmichelon.ufpel@gmail.com

³ ESECS/CRID@CICS.NOVA.IPLeiria/Politécnico de Leiria— celia.sousa@ipleiria.pt

1. INTRODUÇÃO

O tema que permeia este trabalho fundamenta-se no primeiro princípio do Desenho Universal, o uso equitativo, aplicado à comunicação nos museus de forma a alcançar públicos universais. A universalidade aqui apontada inclui pessoas com e sem deficiência, pessoas idosas, pessoas com dislexia, pessoas daltônicas, pessoas com baixo grau de escolaridade, crianças, entre outros. Os museus inclusivos e a acessibilidade cultural são uma esfera de conflitos, sobretudo quando se busca resolver o atendimento às políticas inclusivas com a aplicação dos princípios do Desenho Universal. Tal metodologia privilegia do uso coletivo ao individual, baseando-se na diversidade e pluralidade das pessoas. No início de seu desenvolvimento, o Desenho Universal buscava ser aplicado para projeto de produtos (design e arquitetônico), porém atualmente observa-se que o Desenho Universal pode ser aplicado inclusive em produtos, projetos ou ambientes.

Segundo Garcia, Mineiro e Neves (2017) o conceito de Desenho Universal para além das questões relacionadas à acessibilidade arquitetônica, também aplica-se através da concepção de *“formas de comunicação e de informação que possam ser utilizados pela maioria das pessoas sem adaptações especiais”* (p. 10).

Entretanto, fica evidente que com as dificuldades existentes nos museus e entre as pessoas e suas diferentes formas de estar e acessar ambientes e produtos, torna sua operacionalidade conflituosa. Entendendo que esta é uma área essencialmente interdisciplinar, a pesquisa que está em fase inicial tem por objetivo fazer um estudo de caso do Museu da Comunidade Concelhia da Batalha, buscando identificar quais são os elementos essenciais para a comunicação inclusiva em um museu na perspectiva do Desenho Universal.

2. METODOLOGIA

Para o estudo do tema proposto será feito um estudo de caso do Museu da Comunidade Concelhia da Batalha (MCCB/Portugal) a fim de evidenciar, por meio de análises específicas, o processo de planejamento e desenvolvimento de um museu inclusivo, tendo como base dos dados a exposição de longa duração e nela observando a forma de comunicação escrita, visual, espacial utilizada e os elementos que fundamentam a acessibilidade comunicacional, na perspectiva do primeiro princípio do Desenho Universal. O MCCB foi escolhido para este estudo devido à sua relevância e destaque a nível internacional por ter sido planejado e desenvolvido segundo os princípios do Desenho Universal. Considerado por muitos especialistas como um museu padrão ouro em acessibilidade e inclusão, o MCCB traduz o seu discurso expositivo em vários formatos, possibilitando assim com que públicos diversos possam ter acesso ao conteúdo que se encontra ali exposto. Para

tal, estão previstas as seguintes etapas para desenvolvimento da pesquisa: Fazer um levantamento de fontes documentais do planejamento e desenvolvimento do museu; entrevistar as pessoas envolvidas no processo de construção da exposição de longa duração deste museu; conhecer o perfil dos profissionais envolvidos na elaboração da expografia do MCCB; traçar um registro histórico da memória da trajetória do MCCB; observar a relação dos visitantes com a exposição de longa duração; aplicar um breve questionário aos visitantes portugueses do MCCB e visitantes batalhenses; desenvolver materiais em Linguagem Simples e em Sistema Pictográfico para a comunicação segundo os critérios de comunicação definidos pelo museu.

As fontes utilizadas serão acervos documentais (dossiês, catálogo, planos museológicos, diários de campo, relatórios e outros documentos disponíveis sobre o MCCB), entrevistas com os profissionais e pessoas da comunidade envolvidos na construção do Museu e um questionário estruturado para visitantes.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Museu da Comunidade Concelhia da Batalha está localizado no Município da Batalha, em Portugal. Considerado um museu da comunidade, este conta em seu discurso expositivo a história do território dividida em passado, presente e futuro. Sua missão é “*o estudo, a preservação, a valorização e a divulgação do Património, promovendo a Cultura desta região*” (BATALHA, 2011). Assente na Escola de Pensamento da Sociomuseologia¹, o MCCB possui um programa expositivo dinâmico, pedagógico e que buscou envolver a comunidade desde o princípio. Em seu catálogo de apresentação o MCCB deixa claro que

Ao assumir-se como museu inclusivo, o MCCB oferece-se a todos os visitantes, através de um programa museológico potenciador de experiências únicas e personalizadas. Esta vontade de servir a “todos”, no respeito pela diferença, traduz-se em pequenos gestos que, todos somados, tornam este espaço acessível, confortável e seguro. Embora apresente soluções abertamente direccionadas para públicos com necessidades especiais, é filosofia deste Museu integrar de forma discreta e efectiva, permitindo que os mesmos recursos e serviços possam ser fruídos por pessoas com ou sem deficiência. Só assim se entende que este seja “um museu de (e para) todos”. Para além de eliminar barreiras físicas e potenciar o conforto e a autonomia, este espaço cultural recorre a estratégias comunicacionais alternativas para que cada visitante possa utilizar os recursos que respondam aos seus interesses e que melhor se adaptam às suas necessidades pessoais. Este museu é vivo e para ser vivido. Experienciar significará ver, ouvir, tocar... participando activamente na construção de sentidos. A visita ao MCCB não se esgota em si mesma. As experiências que nele se oferecem são pistas para a descoberta de um Concelho cada vez mais preocupado com questões de acessibilidade e integração (BATALHA, 2011).

¹ A Sociomuseologia afirma-se com um crescente corpo teórico, com um campo de actuação multifacetado, emergindo de práticas sociais que se reconhecem num conjunto de valores partilhado. Com uma abordagem multidisciplinar, a Sociomuseologia visa consolidar o reconhecimento da museologia como um recurso para o desenvolvimento sustentável da humanidade, assente na igualdade de oportunidades e na inclusão social e económica. (PRIMO; MOUTINHO, 2020, p. 27)

Desta forma, para além de proporcionar o acesso físico, o museu buscou estratégias comunicacionais para incluir a públicos diversos.

No que tange aos recursos de acessibilidade comunicacional, o MCCB dispõe de audioguia com audiodescrição, videoguia com Língua Gestual Portuguesa, peças originais e réplicas disponíveis para toque (para todas as pessoas), pouco texto escrito e muitas imagens ao longo do percurso da exposição de longa duração. Entretanto, conforme aponta Sousa (2020)

as barreiras intelectuais são os principais obstáculos no acesso às diferentes ofertas culturais por pessoas que: têm baixa literacia, não possuem conhecimento técnico e/ou científico especializado; têm deficiências ou limitações sensoriais, por exemplo, cegos, surdos; pessoas com défice de atenção, pessoas com deficiência intelectual; pessoas com condições do espectro autista; pessoas cuja primeira língua não é o português; e outras (2020, p. 307).

Sendo assim, mesmo desenvolvido na perspectiva do Desenho Universal e utilizando o princípio de uso equitativo na forma de comunicação inclusiva para aproximar-se de públicos diversos, é possível que nem sempre se consiga alcançar efetivamente a todos os públicos. Desta forma, cabe a revisão de um conceito aplicável de comunicação inclusiva a partir do princípio de uso equitativo, do Desenho Universal, buscando entender se este princípio é aplicável aos museus e se é possível gerar a comunicação inclusiva nesta perspectiva.

4. CONCLUSÕES

Sendo os museus instituições que estão ao serviço da sociedade, suas portas devem estar constantemente abertas aos mais diversos públicos que possam ter interesse em conhecê-los. Para tal, faz-se necessário pensar em estratégias de comunicação e aproximação entre o ambiente e seus visitantes, para que este desperte a vontade pelo conhecimento, a curiosidade, o senso crítico, tornando-se atraente para todas as pessoas. Desta forma, muitas são as reflexões e práticas que se têm discutido frente aos lugares de privilégio de construção de saberes e produção de memória dentro dos museus. O caminho a percorrer busca um espaço onde a comunicação se aproxime verdadeiramente de um público real, ou seja, um público diverso. Uma vez que esta pesquisa se encontra em fase inicial, ainda não é possível apontar nenhuma conclusão efetiva, porém entende-se a importância deste estudo para que através de um museu considerado padrão ouro, possam se observar quais elementos fundamentam a comunicação inclusiva dentro de um museu, bem como a potencialidade da utilização de estratégias de acessibilidade e inclusão para que se consiga atingir o uso equitativo do ambiente museal.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATALHA. Município de Batalha. Divisão de Educação e Cultura. **Museu da Comunidade Concelhia da Batalha: catálogo**. Batalha: Publicenso, 2011.

GARCIA, Ana; MINEIRO, Clara; NEVES, Josélia. **Guia de Boas Práticas de Acessibilidade, Comunicação Inclusiva em Monumentos, Palácios e Museus**. Lisboa: Direção Geral do Património Cultural & Instituto do Turismo de Portugal. 2017. Disponível em:
http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/publicos/acessibilidade/guiacomunica caoacessivel_inclusiva.pdf Acesso em: 04 de agosto de 2021.

SOUSA, Célia Maria Adão de Oliveira Aguiar de.(2020). **Acessibilidade cultural: um caminho**. In Salazar,D.N; Michelin,F.F. *Acessibilidade Cultural: Atravessando Fronteiras*. pp.302-313. Editora UFPel. Disponível em:
<http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/6550> Acesso em: 04 de agosto de 2021.

PRIMO, Judite; MOUTINHO, Mário. **Referências teóricas da Sociomuseologia**. In: PRIMO, Judite; MOUTINHO, Mário (Eds). *Introdução à Sociomuseologia*. Lisboa: Departamento de Museologia, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, p. 17-34. 2020.